



## ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CEB DE LOUSADA

### **ESTATUTO DO(S) NARRADOR(ES) EM *MEMORIAL DO CONVENTO***

Observemos o seguinte excerto: “São pensamentos confusos que isto diriam se pudessem ser postos por ordem, aparados de excrescências, nem vale a pena perguntar, Em que estás a pensar, Sete-Sóis, porque ele responderia, julgando dizer a verdade, Em nada, e contudo já pensou tudo isto.” Nesta passagem, verifica-se que o narrador é, sem dúvida, um **narrador não participante – heterodiegético – e omnisciente**, que conhece os pensamentos da personagem e que sabe inclusive a resposta que esta lhe daria se a interrogasse num diálogo imaginado.

O mesmo não acontecerá em: “Já lá vai pelo mar fora o Padre Bartolomeu Lourenço, e nós que iremos fazer agora, sem a próxima esperança do céu, pois vamos às touradas que é bem bom divertimento”. Neste “e nós que iremos fazer”, “pois vamos às touradas”, o pronome pessoal de 1.ª pessoa (“nós”) e as formas verbais (“iremos”, “vamos”) induzem um narrador misturado com a multidão, ou seja, um **narrador que também é personagem – narrador homodiegético** – e que, perdendo, por instantes, a sua faculdade omnisciente, a mais comum em toda a narração, vai observando objectivamente o ambiente que o cerca, transformando-se num narrador observador: “A praça toda está rodeada de mastros com bandeirinhas no alto e cobertos de volantes até ao chão que adejam com a brisa e à entrada do curro armou-se um pórtico de madeira, pintada como se fosse de mármore branco”.

É possível também ver-se naquele “nós” a presença do narratário, convidado a seguir o narrador até às touradas, mas, dado o contexto, parece mais verosímil a 1.ª leitura. Já na passagem “João Elvas só vê cavalos, gente e viaturas, não sabe quem está dentro ou quem vai fora, mas a nós não nos custa nada imaginar que ao lado dele se foi sentar um fidalgo caridoso e amigo de bem-fazer, que os há, e como esse fidalgo é daqueles que tudo sabem de cortes e cargos, ouçamo-lo com atenção”, não parece haver dúvida quanto à presença de um narratário irmanado com o narrador no imaginar e no acto de ouvir.

É quase um traço do discurso de Saramago a conjugação de um narrador heterodiegético e de um narrador participante, sendo que esta “mistura” é feita normalmente sem transição, sem qualquer indicador de mudança. Vejamos, por exemplo, o seguinte excerto: “El-rei foi a Maфра escolher o sítio onde há-de ser o convento. Ficará neste alto a que chamam de Vela, daqui se vê o mar, correm águas abundantes e dulcíssimas para o futuro pomar e horta que não hão-de os franciscanos de cá ser de menos que os cistercienses de Alcobaça em primores de cultivo, a S. Francisco de Assis lhe bastaria um ermo, mas esse era santo e está morto”. Neste excerto, se na 1.ª frase temos um discurso de 3.ª pessoa, na 2.ª frase, a presença dos deícticos (este, daqui, cá) induzem um narrador não só presente como dando a sua opinião, ou seja, cujo ponto de vista é interno.

De uma forma geral, o narrador de *Memorial do Convento*, conhece tudo – o passado, o presente e até o futuro das personagens, os seus pensamentos e sentimentos. Muitas vezes este conhecimento leva a que, sem transição, se passe de um discurso de 3.ª pessoa para um discurso de 1.ª pessoa que representa já o pensamento da personagem. “Neste dia, desde o nascer do sol até ao fim da tarde, fizeram uns mil e quinhentos passos (...) Tantas horas de esforço para tão pouco andar, tanto suor, tanto medo, e aquele monstro de pedra a resvalar quando devia estar parado, imóvel quando deveria mexer-se, amaldiçoado sejas tu, mais quem da terra te mandou tirar e a nós arrastar por estes ermos”.

Semelhante a este caso é a passagem directa (sem pontuação, sem verbos que a expliquem) da voz do narrador para a voz de uma personagem. É o que acontece, quando, por exemplo, da narração do narrador se passa para o monólogo do Pe Bartolomeu de Gusmão: “Dentro do casarão esvoaçavam pardais, tinham entrado por um buraco do telhado (...) pardal é uma ave da terra e do terriço, do estrume e da seara, e quando morto se percebe que não poderia voar alto, tão frágil de asas, tão mesquinho de ossos, ao passo que esta minha passarola voará até onde lhe cheguem os ossos, veja-se o fortíssimo arcaboço da concha que me há-de levar, com o tempo enferrujaram os ferros, mau sinal, não parece que Baltasar aqui tenha vindo como lhe recomendei tanto”.

Estamos pois, genericamente, diante de um narrador omnisciente que, com frequência, não se coíbe de fazer juízos de valor e de dar opiniões, seja de forma directa (“Um nada é quanto basta para desfazer reputações, um quase nada as faz e refaz, a questão é encontrar o caminho certo para a credulidade ou para o interesse dos que vão ser eco inocente ou cúmplice.”), seja de forma indirecta (“porque também Deus não sorri, ele lá saberá porquê, talvez tenha acabado por se envergonhar do mundo que criou”).

Mas, para **além do narrador principal, há outros secundários – homodieéticos**. Entre eles encontram-se:

- Manuel Milho, que durante a ida a Pêro Pinheiro, noite após noite, vai contando parte de uma história aos companheiros;
- João Elvas que, para entreter a noite, enquanto estão abrigados no telheiro, conta a Baltasar uma série de crimes horrendos para os quais não se havia encontrado culpado;
- E, sobretudo, um certo fidalgo – figura indefinida, quase um pretexto para tornar verosímil a descrição dos interiores faustos e das celebrações do casamento real, numa fase da narração em que o pólo narrativo era um velho mendigo, João Elvas.

Também para estes narradores existem narratários: os companheiros de trabalho, Baltasar, João Elvas e os leitores, respectivamente.



## ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CEB DE LOUSADA

# O(S) NARRADOR(ES)

## O NARRADOR COMPLEXO

Saramago rejeita a onipotência do narrador, na medida em que considera que é o autor que põe em causa o presente, que conhece o passado que lhe chega através das suas investigações.

Há, diversas vezes, um discurso de sobreposições narrativas com uma voz (ou um plural de vozes) que tanto descreve como desconstrói situações, que dialoga com o narratário ou com as personagens, que domina os conhecimentos da História ou se sente limitado, que faz ponderações (reflexões) ou ironiza. Ao misturar a História e a ficção – o real e o fantástico –, consegue múltiplas formas de enunciação de que o leitor menos atento não se apercebe.

Há sempre uma voz a controlar a narrativa. Por um lado apresenta-se contemporânea do leitor, mas, por outro, apropriando-se do passado, tem o poder da ubiquidade (estar em todo o lado ao mesmo tempo).

Para além do narrador principal, há outros narradores secundários – homodieéticos (o que sentencia; o que dialoga, o que ironiza; o que domina; o que profetiza; o que descreve...).

Maria Alzira Seixo (in *O Essencial sobre José Saramago*, 1987) refere que em *Memorial do Convento* há 5 matizes de narrador:

1. o que habita um presente intemporal e se revela onisciente;
2. o conhecedor do futuro, capaz de revelar as grandes linhas da História e do final a que conduzem;
3. o que ficciona e recria os limites da realidade;
4. o que se revela numa onisciência limitada perante o entrecruzar de actos particulares e destinos singulares;
5. o crítico irónico ou humorista perante a sua possibilidade de manipular.

**N.B.:** Nesta obra, o estatuto onisciente permite, ainda, ao narrador:

- antecipar acontecimentos da própria intriga e referir factos posteriores ao tempo narrado (narrador contemporâneo do leitor, que evidencia prospectiva de saberes, isto é, consegue fazer uma previsão a longo prazo);
- reinterpretar, comentar e criticar a História;
- reflectir sobre a sua própria escrita;
- reconstruir, no seu texto, o texto de autores portugueses consagrados (Luís de Camões, Pe António Vieira; Fernando Pessoa – trabalho de intertextualidade), recontextualizando-os, muitas vezes em tom irónico;
- recorrer ao tom moralístico presente nos inúmeros provérbios e aforismos.